

**PRAZER E DOR: VIVÊNCIAS SEXUAIS NA FALA
DE ADOLESCENTES POBRES DE SALVADOR ***

Marieze Rosa Torres**

“Senti doer, doer...”

Sentiu alguma outra coisa além da dor?

“Não, só dor. Ele só disse – ”arranco? Eu dei risada”

Dor?

RESUMO: Sexualidade como adolescência não são categorias universais e abstratas. A adolescência, assim como a forma de vivê-la em todos os aspectos, inclusive sexual, é plural, multifacetada e dinâmica. Perceber as vivências sexuais de adolescentes que vivem em contexto social de pobreza, os limites e possibilidades dados pelas condições concretas, e os códigos e valores que as ordenam, é a proposta deste artigo, baseado em um trabalho de pesquisa. Destaca-se um grupo de adolescentes dos Alagados que vivem uma condição especial: são pobres, mas são **artistas** e integrantes de uma ONG. Suas vivências sexuais e as representações que delas têm oscilam entre a rejeição e a aceitação dos valores presentes nos distintos universos sociais dos quais participam. Essas ambigüidades aparecem com maior clareza nas suas falas sobre prazer e dor. Distintas formas de experimentar, ou não, prazer ou dor fazem com que distinções de gênero, menos demarcadas em outros momentos, apareçam com toda sua força.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, vivências sexuais, adolescência, pobreza, prazer e dor.

* Este artigo baseia-se nos resultados da pesquisa **Sexo, Prazer e Dor: Um Estudo da Trajetória Sexual de Adolescentes em Situação de Risco de Exclusão Social**, desenvolvida por nós no âmbito do Programa Interinstitucional de Treinamento em Metodologia da Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva MUSA/ISC – UFBA e com bolsa da Fundação Ford.

** Pesquisadora do Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia.

SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E POBREZA

Sexualidade tem sido objeto de diferentes discursos, abordada segundo premissas distintas a depender do recorte analítico e orientações teóricas de cada área de conhecimento. O marco que serve de referência inicial para os estudos e que, ainda hoje, está presente nos discursos do senso comum pode ser encontrado na teoria freudiana.

Acreditando que a atividade sexual do indivíduo fosse expressão de uma *poderosa pulsão de origem biológica* a qual procuraria a todo custo satisfazer, FREUD atribui o controle destes instintos a constrangimentos exteriores a ele, impostos pela sociedade e, mais especificamente, pela família. A repressão destes instintos levaria os indivíduos adultos a canalizarem suas pulsões para a sexualidade genital com um parceiro do sexo oposto. Como desdobramento deste tipo de abordagem criou-se a possibilidade de pensar a sexualidade como uma experiência universal, cuja variação seria dada apenas pelos mecanismos de repressão.

As ciências sociais procuraram mostrar que apesar da sexualidade representar um componente universal da experiência humana, ela não se verifica segundo modalidades universais. A contribuição apresentada por MALINOWSKI para o estudo da sexualidade, é particularmente interessante porque mostra que ela é sempre situacional e portanto apresenta-se de forma distinta em distintos contextos culturais; ela é múltipla e complexa envolvendo dimensões como amor, atração erótica, práticas sexuais, moral sexual e representações; e questiona o primado da sexualidade infantil, nos termos defendidos por FREUD, como determinante do comportamento sexual do adolescente e do adulto. Os comportamentos geradores de prazer, na infância, que FREUD interpreta como sendo sexuais, não podiam ser conotados desta forma, porque não haviam sido vividos enquanto como tais (ver BOZON, LERIDON, 1993). Para eles a sexualidade adolescente e os aprendizados sociais que ela implica, eram muito mais importantes, porque marcam a passagem para a sexualidade ativa com um parceiro.

Outros estudiosos da sexualidade vão mostrar que além de não ser semelhante em todas as culturas (ver MEAD, 1979; MALINOWSKI, 1941), ela apresenta distinções importantes no interior de uma mesma cultura (FOUCAULT, 1977), conforme o grupo social analisado (PAIVA, 1977; COSTA, 1997; DUARTE, 1984). Duas tendências passaram a nortear os estudos da sexualidade. A primeira, influenciada, sobretudo, pelo movimento feminista procura enfatizar as diferenças dos comportamentos sexuais de homens e mulheres, e a construção dessas diferenças, a partir de uma teoria de gênero; a segunda, desencadeada pela descoberta da AIDS, é associada a noção de risco e prevenção. As análises da Sexualidade, nos estudos mais recentes, menos demarcada pelas orientações que as influenciaram inicialmente, ganharam novos matizes, tornando-se mais ricas e complexas (ver DUARTE, 1986; PARKER, 1991; PAIVA, 1977 e HEILBORN, 1997).

Os estudos sobre sexualidade na adolescência entretanto via de regra ainda ficam restritos a uma visão parcial e conservadora. Orientados para preservação e/ou controle de doenças transmissíveis (inclusive AIDS),¹ de gravidez e aborto, limitam-se a abordar estes temas de uma perspectiva predominantemente biológica ou médica.

Sem querer ignorar ou minimizar essas questões, tão amplamente divulgadas, em torno da chamada **atividade sexual precoce** dos adolescentes, não podemos deixar de lembrar, que não faz muito tempo, as pessoas estavam se casando e procriando no início da **adolescência**. A formulação da atividade sexual dos adolescentes como um problema talvez esteja muito mais referida à mudança de expectativas da sociedade para as pessoas nessa fase da vida (o próprio conceito **adolescente** é uma construção social relativamente recente). Além disso, o aparecimento da AIDS e o fato do sexo estar sendo vivido fora de uma relação matrimonial, quando se trata das classes populares, são percebidos como problema, por-

¹ Diferentes deste tipo de abordagem, destacam-se os interessantes trabalhos desenvolvidos por PAIVA (1990, 1991).

que, entre outras coisas, suscita uma demanda maior ao Estado por políticas de saúde e de atendimento, bem como porque agrava a questão social.

Por mais alarmante que pareçam estes fatos, a **redução** realizada por esse tipo de abordagem, além de contribuir pouco para o enfrentamento dos mencionados problemas² e, menos ainda, para sua compreensão, acaba reproduzindo uma visão conservadora e parcial da sexualidade do adolescente. Não podemos esquecer que a dupla moral-sexual presente na sociedade brasileira, retratada com tanta propriedade por autores com PARKER (1991), estabelece uma clara demarcação entre os sexos, controlando e limitando a sexualidade feminina antes do casamento e incitando e encorajando a sexualidade masculina; demarcação que se estabelece pela distinção entre aquelas mulheres destinadas ao casamento e à família, as virgens e **direitas, certinhas**, e aquelas de **vida livre**, as prostitutas.

Numa outra perspectiva, a vivência sexual do adolescente dos nossos dias, percebida via de regra como um problema, apresenta uma alternativa mais livre e democrática. Ainda que não seja possível generalizar para todos os grupos sociais, como vários estudos e pesquisas estão demonstrando, cada vez mais os adolescentes estão iniciando a sua vida sexual com um parceiro ou parceira de sua própria idade, ou de idade próxima a sua, alguém com quem têm mais **a ver**, com quem compartilham as incertezas e inseguranças naturais dessa fase da vida.³ E isto pode representar uma conquista e uma mudança positiva nas relações entre homens e mulheres.⁴

Como sexualidade, o conceito de adolescência torna-se também questionável quando utilizado abstratamente, para nomear indiscrimina-

² O fracasso das campanhas e da maioria dos programas de orientação sexual está aí para mostrar que a ênfase nos riscos envolvidos na atividade sexual e a difusão de métodos contraceptivos e preventivos não garantem um cuidado efetivo.

³ Maiores informações sobre a atividade sexual de adolescentes podem ser encontradas em PAIVA (1991), DUQUE-ARRAZOLA (1996), TAKIUTI (1996), DESSER (1993).

⁴ Os movimentos feministas tiveram um papel fundamental neste processo, ao exporem a dupla moral, os tabus e preconceitos vigentes na sociedade e ao colocarem em questão a “naturalidade” da identidade e dos papéis sexuais tradicionalmente definidos para o homem. O advento da pílula e a entrada da mulher no mercado de trabalho, colocaram em cheque esses papéis, contribuindo para dissociar a sexualidade da procriação e do casamento.

damente pessoas que compartilham uma determinada faixa etária e certas características, tomadas como gerais. Isto porque tal utilização deixa de considerar distinções de classe (ver DUARTE, 1984), grupo social e experiências de vida. Entendemos sexualidade, e da sexualidade do adolescente em particular, como uma atividade socialmente construída, e, como tal, referida a um determinado contexto social no qual os distintos atores sociais vivem seu cotidiano diário e lhe atribuem significados e representações.

Visando contribuir nesta direção, este artigo – do mesmo modo que a pesquisa em que se baseia – busca dar visibilidade às vivências sexuais e às representações acerca de prazer e dor de adolescentes de uma área pobre da periferia da cidade de Salvador, no Estado da Bahia. Meninos e meninas pobres, eles são também **artistas** e integrantes de uma ONG⁵ de bandas de lata. Parte da hipótese de que, a forma especial como estes adolescentes vivem a sexualidade e a representam está intimamente relacionada à forma peculiar como eles se inserem no espaço social mais amplo.

Filhos do que Duarte denomina de **classes trabalhadoras urbanas**,⁶ eles vivem dentro de limites e de recursos e possibilidades que conseguem mobilizar, e orientam-se por uma **visão de mundo** que lhes é comum. Essa visão de mundo, no entanto, é matizada pela fase da vida em que se encontram e pela sua condição de participantes de uma ONG. A participação na ONG passa a representar uma opção de convivência grupal, alternativa à casa e à rua, mas, sobretudo, uma outra alternativa de vida e a constituição de uma nova identidade: a identidade de **artistas**.⁷ Identidade que os põe em contato com um mundo nunca antes sonhado

⁵ A ONG é constituída de 170 crianças e adolescentes, entre 8 e 19 anos de idade, de ambos os sexos, contando com um coordenador e um grupo de educadores de distintas áreas de conhecimento: sociologia, assistência social, pedagogia, artes e música.

⁶ DUARTE chama de “classes trabalhadoras urbanas” os grupos “dominados” que “apesar da diversidade da sua relação com os meios de produção (ao lado de operários de todos os tipos, mendigos, funcionários públicos, marginais, trabalhadores por conta própria, biscateiros, pequenos produtores mercantis, etc.)” auto-representam-se enquanto trabalhadores. (DUARTE, 1986, p. 127)

⁷ Sobre constituição da identidade social, ver a interessante contribuição de HEILBORN (1996).

de possibilidades, redefinindo os seus interesses e aspirações: obter reconhecimento, sucesso como artistas e enriquecer.

Compreendendo o grupo como portador de uma subcultura, no sentido que lhe atribui DUARTE,⁸ com uma lógica própria, procuramos perceber através das suas falas a sua **visão de mundo**, seus valores e códigos de comportamento, que informam e ordenam a sua sexualidade (DUARTE, 1984, p. 607-16).

A população pesquisada é constituída de adolescentes de ambos os sexos entre 14 a 19 anos de idade, residentes em uma área constituída de vários bairros, localizada em uma parte da **Cidade Baixa**,⁹ os Alagados. Entrevistados um total de 22 adolescentes, 12 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Os nomes dos entrevistados, como de praxe, são fictícios. Para evitar a possibilidade de identificação do grupo e dos entrevistados, dada a sua identidade pública, procuramos, também, evitar a menção aos nomes dos bairros onde moram e da própria ONG. Assim, empregaremos denominações mais genéricas como, Alagados, para a área, e ONG ou **Grupo**, para a entidade que os agrega. O grupo foi escolhido para a realização da pesquisa, devido ao conhecimento prévio que tínhamos dele quando participamos de um programa de orientação sexual.

DE “PROFESSORA DE SEXO” A “PESQUISADORA”: VENTURAS E DESVENTURAS DE UM TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo foi realizado em 40 dias, no decorrer dos meses de maio e junho de 1998. Fizemos uso de entrevistas individuais, orientadas por um roteiro, de **fichas cadastrais** e da observação: participante. As **fichas cadastrais** apresentam um minicurriculo dos integrantes do grupo, contendo características pessoais, familiares e relatórios de

⁸ A noção de subcultura, em DUARTE, pode ser encontrada no artigo **Pouca Vergonha Muita Vergonha, Sexo e Sexualidade entre as Classes Trabalhadoras Urbanas**, publicado no v. 1 dos Anais da Abep de 1984, p. 607 e 616.

⁹ Um dos marcos de localização e de distinção espacial mais destacados refere-se à parte alta e a parte baixa da cidade. As “cidade alta” e “cidade baixa” são ligadas por um elevador público, o “Elevador Lacerda” e os “bondinhos” do “plano inclinado”.

situações e eventos observados durante visitas de acompanhamento realizadas pelos educadores que compõem o *staff* da ONG.¹⁰ Elas representaram um importante subsídio no processo de seleção dos entrevistados, mas também serviram para complementar e esclarecer as falas dos informantes. Através delas, e de conversas com os educadores, pudemos compor um universo diversificado de entrevistados, por sexo, idade, trajetórias de vida e experiências sexuais, complementando-as e esclarecendo-as em seguida com informações dos educadores. Entretanto, ocorreram situações em que o interesse e a disponibilidade – ou não – dos entrevistados em participar da pesquisa foram mais determinantes que os critérios definidos pela pesquisadora.

As entrevistas obedeceram a um roteiro básico contendo 4 tópicos, cada qual com uma série de questões. No primeiro bloco, tratou-se da identificação do entrevistado, a partir de variáveis como idade, sexo, **cor**, escolaridade, local de nascimento e moradia. O segundo versou sobre a situação sócio-econômica e procurou perceber as condições em que o entrevistado vive, os recursos de que dispõe, com quem divide o espaço e como se insere nele. O terceiro bloco visou conhecer os núcleos de socialização dos quais o entrevistado participava, perceber como eles estavam estruturados e o seu grau de inserção dentro dele. Destacamos, como núcleos importantes, a família, a escola, o trabalho e os **grupos de pares**. Finalmente, no último tópico, perguntamos sobre sexualidade e saúde; com ele pretendíamos perceber como o entrevistado se relacionava com o seu corpo, seu sexo, o que pensava, o que fazia e o que não fazia, com quem fazia, como e onde fazia sexo; o que aprovava e o que condenava em matéria de sexo; e como via o outro sexo.

Esse roteiro básico foi mantido em todas as entrevistas, mas não foi inflexível. Procuramos dar espaço para que as falas fluíssem o mais naturalmente possível, respeitando o ritmo e a fluência de cada um. Nem

¹⁰ A ONG mantém um sistema periódico de acompanhamento dos participantes do grupo, realizado através dos educadores que dele fazem parte. Esse acompanhamento pode ser mais personalizado e freqüente em situações em que algum dos seus integrantes esteja passando por conflitos na família, esteja doente ou haja suspeita de seu envolvimento com drogas ou prostituição.

sempre foi respondido na íntegra por todos os entrevistados, isso dependendo do domínio verbal de cada um e das dificuldades e embaraços em falar sobre coisas íntimas com a pesquisadora. Além das **fichas cadastrais** e das entrevistas, mantivemos um caderno de campo onde anotamos situações que íamos presenciando no decorrer do trabalho de campo. Presenciamos situações do vai e vem cotidiano dos adolescentes na sede do **grupo**, conversas, jogos, brincadeiras, ensaios e reuniões das quais participavam; mas também situações de conflito e de competição. O material coletado foi analisado no seu conjunto, considerando-se a fala dos meninos e a fala das meninas em relação às brincadeiras e jogos sexuais, à masturbação, à **primeira vez**¹¹ e a relações sexuais que aconteceram depois desta.

Essas vivências são analisadas tendo em conta as diferenças e aproximações entre as falas dos meninos e das meninas, destacando-se o prazer (ou sua falta) e a dor, sendo as vivências do prazer e da dor estreitamente relacionadas ao lugar onde se faz sexo, e ao como se faz sexo. Entretanto, não podemos ignorar que, se é sempre preciso estar consciente do peso situacional do material coletado, em uma pesquisa em geral, isso é ainda mais importante em se tratando de uma pesquisa no campo da sexualidade. Em uma pesquisa dessa natureza, além de questões como a identidade de que o pesquisador se reveste face ao entrevistado, e o momento de vida em que as questões são apresentadas a este último (como bem lembra DUARTE),¹² é preciso ter em conta o lugar onde ela é realizada, as interferências e interrupções externas e, sobretudo, os embaraços criados pela intimidade de que ela se reveste.

Mudanças ocorridas na ONG, entre 1996 – quando participamos do desenvolvendo de um **programa de orientação sexual** – e 1998, quando retornamos, para realização da pesquisa, obrigaram a redefinições que repercutiram no desenvolvimento desta. Antes, a entidade mantinha uma

¹¹ Embora a primeira relação sexual dos meninos ocorra, freqüentemente, com relação anal, com um parceiro do mesmo sexo, essa relação é percebida como “brincadeira” e “experimentação” e quando se referem à primeira vez, os meninos, como as meninas, estão falando em uma relação sexual com penetração vaginal. É neste sentido que falaremos, portanto, da “primeira vez”.

¹² DUARTE, 1984, p 620.

casa de acolhimento para crianças e adolescentes em situação de rua ou que precisavam ser afastadas da família. Funcionava ininterruptamente sob a supervisão de educadores que moravam na própria sede da ONG. Os integrantes do grupo, mesmo aqueles que não moravam na sede, passavam ali a maior parte do seu tempo: desenvolviam atividades culturais e educacionais, confeccionavam instrumentos musicais, ensaiavam e jogavam bola, namoravam e comiam; ausentando-se apenas para ir para a escola ou para ir para casa dormir. Hoje a entidade funciona das 13 às 19h. e não oferece mais acolhimento (apenas um adolescente faz refeições e mora lá). Colocou limites para o uso e acesso ao espaço da sede, restringindo-o ao horário de funcionamento e de realização de atividades por ela programadas. Estas restrições limitaram a observação participante e dificultaram o contato com os adolescentes, sobretudo daqueles que estudavam, trabalhavam ou que estavam participando de ensaios de alguma banda (agora realizado nos bairros onde moram), no período da tarde. O contato precisou ser negociado e previamente marcado e a observação participante, daqueles que não podiam estar na sede naquele período, restrita às oportunidades em que havia algum evento ou fins-de-semana.

Com as redefinições na ONG as atividades envolvendo o grupo passaram a ser decididas por um coletivo do qual participavam representantes dos adolescentes, o que tornou a pesquisa conhecida e logo divulgada entre eles. Boa parte deles já nos conheciam da época do programa de orientação sexual e nos viam como **professora de sexo**. Saber que a **professora de sexo** estava fazendo uma **pesquisadora de sexo** causou um certo impacto entre eles e deu margem a especulações e conversas. Ser identificada como **professora de sexo** dava a eles a liberdade de falar **de tudo**. Mas também ensinava que alguns meninos se sentissem tão à vontade a ponto de tentar nos impressionar com os seus feitos. Procuramos conversar com a maior naturalidade possível sobre as situações que surgiam no decorrer das entrevistas. Informamos que não estávamos ali como professora mas como uma pessoa interessada em aprender sobre a realidade que viviam no seu dia a dia, o que faziam e do que gostavam,

ou não, de fazer; sexo era uma e não a única coisa que nos interessava na pesquisa.

As entrevistas eram realizadas no espaço disponível no momento: auditório, na saleta que serve de depósito para os instrumentos, sala de artes, copa e, até, dentro do carro. A privacidade era pequena, as interrupções freqüentes e o barulho do lado de fora suplantou, muitas vezes, a voz do entrevistado. Gravamos batucadas, brincadeiras, gritos e choro de crianças, e toda sorte de sons presentes no cotidiano de um local onde predominam crianças e adolescentes. Apesar disso, preferimos utilizar o gravador em vez de apenas anotarmos, mesmo tendo feito também anotações. Isso por várias razões: primeiro, como eles são **artistas**, estão mais familiarizados com o gravador e o microfone do que com a escrita. Enquanto o gravador está positivamente associado ao ambiente de estúdio, onde são avaliados pela sua performance em uma área em que se sentem seguros, a escrita está associada negativamente à escola, lugar em que nem sempre gostam de estar e no qual são avaliados por coisas que não têm domínio. Além de tudo isso, queríamos estabelecer com eles uma interação na qual o olhar era fundamental. Em vez de abrir mão do olhar, preferimos abrir mão das entrevistas que não conseguimos transcrever, restringindo o nosso universo inicial de 30 entrevistados, aos 22 aqui considerados.

Apesar das dificuldades naturais, comuns na riqueza e entrelaçamento de acontecimentos que o terreno empírico proporciona, o campo nos trouxe também muitas emoções. Surpresa, encantamento, alegria, revolta e tristeza foram sentimentos que se mesclaram durante todo o período do trabalho. Muitos pesquisadores já mencionaram como às vezes é difícil fazer o entrevistado falar sobre o que interessa ao pesquisador. Há uma necessidade tão grande de falar, de ser ouvido por alguém, que eles falam e falam sem parar (a maioria deles disse que nunca haviam falado *daquelas coisas* com ninguém). **Coisas** que envolviam falar sobre si mesmos, seus dramas pessoais, tragédias familiares, namoro, desenganos amorosos e sexo. Às vezes, quando a entrevista terminava

perguntavam: *já acabou?* ou *you vai me entrevistar outra vez?* Dois deles entrevistamos novamente. Uma entrevista que realizamos com um rapaz de 19 anos foi particularmente difícil para nós. De sexo a entrevista teve muito pouco. Foram duas horas de entrevista, durante a qual ele chorou a maior parte do tempo. Perguntamos sobre seu relacionamento com os pais e não pudemos mais interrompê-lo. Ele foi espancado por ambos os pais até os 17, anos e depois acorrentado, para que não fugisse. A única vez em que tentou fugir foi levado para casa acorrentado e espancado durante todo o trajeto, exposto diante de todos, amigos, vizinhos e transeuntes. Mais do que as cicatrizes espalhadas pelo seu corpo (que fez questão de exibir para mim), mostrou uma dor tão intensa que nos comoveu profundamente.

O entrevistado chegava, cauteloso, sem jeito; procurávamos deixá-lo à vontade. Sabíamos que quase todos gostavam de tocar, cantar ou dançar e detestavam estudar. Esse era sempre um bom começo. Se já o conhecíamos, perguntávamos também sobre coisas que sabíamos a seu respeito; se não, pedíamos que falasse sobre o que fazia, o que mais gostava de fazer. Meninos e meninas apresentavam comportamentos distintos. As meninas (com algumas exceções), ficavam mais inquietas (três delas derrubaram o gravador durante a entrevista) quando começávamos a falar de sexo. Falavam mais apressadamente, mais baixo e de forma mais entrecortada. Os meninos ficavam mais quietos, quase deitados na cadeira, as vezes balançavam as pernas, falavam de forma mais continuada e com aparente naturalidade. Os mais jovens às vezes demonstravam excitação, outras embaraço.

OS “ARTISTAS” NO SEU LUGAR SOCIAL: VIDA E SEXO

Os entrevistados fazem parte de um grupo bastante homogêneo, tanto no que diz respeito ao fato de viverem em uma mesma área e sob condições de vida bastante semelhantes, como também porque fazem parte de uma comunidade de **artistas** (eles são músicos, cantores e cantoras, além de dançarinas). E, neste sentido, constituem-se como **dife-**

rentes em relação aos demais moradores dos seus respectivos bairros. Todos se conhecem, compartilham informações, sonhos de sucesso e, em certo sentido, parceiros amorosos. Muitos já namoraram ou namoram com pessoas que também pertencem ao grupo, o que tem criado constrangimentos e mágoas, sobretudo quando ainda existe sentimento para com o antigo namorado (a) e este (a) começa outro relacionamento.

Eles são moradores de uma das favelas mais antigas e conhecidas de Salvador, **Alagados**, notabilizada em cartões postais da cidade por suas habitações construídas sobre estacas fíncadas no fundo lamacento da enseada da Baía de todos os Santos. Para lá iam os excluídos, os deserdados, aqueles que não tinham qualquer opção de ter uma casa. Na década de 70, a área foi aterrada e no lugar das palafitas foram construídas casas populares para os moradores. Com a urbanização da favela, a área foi subdividida em bairros, aos quais foram atribuídos nomes distintos. Mas, apesar das mudanças com relação ao passado, para um presente comum de pobreza, sua origem ainda é o marco de referência para a constituição da identidade dos seus moradores.¹³

As condições de vida nos Alagados não são diferentes daquelas das **classes trabalhadoras urbanas** de outros lugares, já amplamente caracterizadas por DUARTE, AGIER, DUQUE-ARRAJOLA e outros. O emprego formal é raro e, nos poucos casos em que ocorre, está limitado a atividades pouco remuneradas e de baixa qualificação. O mais comum é o emprego temporário, o trabalho autônomo, o biscate e o desemprego. O grupo se sobrepõe ao indivíduo. A miséria é solidária, divide-se o pouco que tem (a moradia, a comida), ajuda-se o parente, o vizinho, o amigo. Mas essa proximidade dá poder ao que concede ajuda de intrometer-se na vida do outro, de agredir e de abusar dos mais fracos, dos dependentes. A miséria é também desespero, amargura, solidão, desassossego, drogas e alcoolismo.¹⁴

¹³ *Cadernos do Ceas* n. 37, mai./jun. 1975, p. 22.

¹⁴ ESPINHEIRA, 1993; PAIM e COSTA, 1996.

No depoimento de um educador da ONG, viver nos Alagados é viver *na margem da cidadania, na margem da sociedade e na margem da informação; crescer nos Alagados muitas vezes significa ter um caminho pré-descrito, porque comum: nunca sair da situação periférica*⁷. É ser alvo de abusos, *cuja forma mais cruel e chocante – e ao mesmo tempo mais comum – é o abuso sexual de menores, sobretudo de meninas*. Na área onde vivem, 9 crianças foram mortas durante o ano de 1991: 6 vítimas de homicídio e 3 de acidente de trânsito. Em 1996, um integrante do grupo foi assassinado. Ser negro ou pardo, pobre, morador de periferia e adolescente coloca-os frente a um risco maior de sofrer violência física e sexual e de morrer, sobretudo quando se trata de homicídio.

Os entrevistados compartilham com os demais moradores da área a precariedade das condições de vida e a vulnerabilidade a que estão expostos enquanto adolescente com aquelas características. Eles são filhos de pedreiros, marceneiros, ascensoristas, vigilantes, caixas de supermercado e faxineiras. A maioria não vive em um grupo familiar composto de pai e mãe. Moram com a mãe e os irmãos, em sua própria casa (6), na casa de algum parente (2), ou são criados pelos avós e tios (2). Três entrevistados vivem uma situação distinta: um é casado e mora com a mulher, outro mora na sede do grupo e uma entre as meninas, desde que foi posta para fora de casa pelo pai, há cerca de um ano, vive na casa **de um e de outro**. Os demais (10) vivem com ambos os pais.

Os que vivem apenas com a mãe são aqueles que sobrevivem com maior dificuldade. A mãe trabalha fora, uma delas na construção civil. Apenas três deles recebem uma pequena ajuda financeira do pai. Os rendimentos são escassos e as casas inacabadas, resumindo-se, quase sempre, a um banheiro e um cômodo que faz as vezes de sala, cozinha e dormitório. A situação financeira melhora quando a família passa a morar na casa de algum parente próximo, ou quando são criados por parentes. Os que vivem com ambos os pais são os mais bem aquinhoados economicamente. Quase sempre a mãe, ou ajuda o pai, ou é a principal responsável pelas despesas domésticas.

Quando se trata de violência doméstica, entretanto, a situação se inverte. Dos nove adolescentes que relataram ter sido vítimas de violência, seis viviam com ambos os pais. Para eles, a violência física foi maior e mais constante que para os demais. Em quatro casos o pai era alcoólatra; nos demais, ele era **trabalhador** mas muito **nervoso** ou **crente fanático e bruto**. Em apenas um caso, a violência física praticada pela mãe igualava-se à do pai. O objeto comum entre os instrumentos utilizados foi o facão. Mas, vale o que tiver mais ao alcance da mão no momento: pá, alicate, pau, braço de cadeira, fio, cinto e, na falta de qualquer deles, chutes e pontapés. Cinco deles já haviam tido fraturas nos braços ou pernas e ferimentos no corpo. A mãe só intervinha quando **estavam sem forças, no chão**. A mãe de duas adolescentes também foi vítima de violência perpetrada pelo pai; em um caso houve tentativa de assassinato. No caso daqueles que vivem apenas com a mãe, embora sejam também vítimas de violência, esta não tem nem a mesma intensidade, nem a mesma constância. Em apenas um caso o perpetrador foi um tio com quem a adolescente mora. As meninas foram as maiores vítimas da violência doméstica, mas o caso mais grave foi relatado por um adolescente, que além de ser espancado por ambos os pais, era acorrentado para que não fugisse.

A violência física acontece também da parte de irmãos mais velhos para com os menores, e entre namorados. Um dos meninos teve que ser afastado da família (indo morar na sede da ONG), por causa das constantes brigas com o irmão mais velho. Uma menina foi socada pelo irmão, porque recusou-se a ir para casa quando solicitada. Uma outra foi ameaçada de levar um murro, pelo namorado, caso não transasse com ele. A violência sexual também se faz presente. Uma menina foi abusada sexualmente, durante anos consecutivos, dentro de sua própria casa, por **tio** de consideração, que visitava a família freqüentemente.

Mas a violência doméstica não é apenas física, ela se traduz também em constantes ameaças de entregá-los ao juizado de menores, e

expressa-se em palavras, em xingamentos e em desqualificação como **vagabundo, imprestável e inútil**.

A vida em família, além da violência física, é marcada pela tragédia. Uma das entrevistadas teve o pai e o irmão de 13 anos torturados e assassinados. Duas outras tiveram uma irmã que morreu afogada no tanque da casa. A mãe de outra foi presa por posse de drogas e, uma vez em liberdade, foi morar com a irmã mais velha em uma zona de prostituição onde, segundo a entrevistada, **ela tem uma barraca de bebidas**.

A maioria dos entrevistados é de cor negra ou mulata. Entre os que estão na escola, todos são estudantes de escola pública. A repetência e a desistência são comuns a quase todos. No momento da entrevista, quatro haviam abandonado os estudos (dois deles declararam não ter intenção de retornar). Dois estavam cursando o supletivo do primeiro grau. A maioria está cursando o primeiro grau (entre a 3^a e a 7^a séries). Apenas uma menina e um menino estão fazendo a 1^a série do curso colegial. Quase todos eles declararam não gostar de estudar, da escola e dos professores. Só dois informantes, um menino e uma menina, declararam pretender fazer universidade.

Mais da metade tem ou já teve alguma atividade remunerada. Dentre estes, sete do sexo masculino e três do sexo feminino estão trabalhando. As principais atividades são desenvolvidas na própria ONG, recepção, coordenação das bandas, promoção de eventos, aulas de dança. Os que trabalham fora, cuidam de crianças (uma trabalha na creche da paróquia local e a outra cuida do sobrinho para a irmã), ou de barraca na feira e bar (meninos). Dois deles ainda se diferenciam dos demais; um é pedreiro e trabalha como autônomo, e uma menina dá **banca** para crianças.

O dinheiro é dividido em duas partes, uma que é sempre entregue à mãe, para ajudar nas despesas da casa e a outra eles usam para comprar **coisas** (roupa, sandália), para **um refrigerante** ou **um sorvete**. O dinheiro é muito pouco: varia entre R\$ 60,00 e um salário-mínimo. A jornada de trabalho também é variável. Os que trabalham no grupo têm um turno de 6 horas (das 13 às 19h.), os que trabalham na feira ou em bar têm

uma jornada mais longa, que pode chegar a 12 horas a depender do movimento. As meninas que cuidam de crianças, têm uma jornada de 4 horas em média. Mas o trabalho não é percebido por eles como um peso; é percebido como um valor positivo, tanto por causa da remuneração que oferece como porque se contrapõe à identificação de **vadio**. Mas, além disso, no tipo de trabalho que fazem existe uma grande flexibilidade: o bar e a barraca podem ser, em algum momento, fechados, ou eles podem ser substituídos eventualmente por alguém. O trabalho no grupo, pode também ser dispensado para que possam fazer outras atividades.

Além de estudarem e/ou trabalharem, eles participam das distintas atividades da ONG e das responsabilidades da carreira artística. Eles cantam (um homem e duas mulheres), tocam instrumentos musicais (todos os meninos e três meninas), ou dançam (apenas mulheres), nas bandas do grupo. Ensaiam, confeccionam seus próprios instrumentos musicais, improvisam batuques, criam cenários, coreografias e produzem as roupas das apresentações. Além disso, participam de atividades de acompanhamento pedagógico e recebem orientação sexual.

Sua nova identidade no grupo redirecionou as suas vidas de adolescentes, propiciando-lhes o acesso a informações e oportunidades até então desconhecidas para eles. Destacam-se entre os adolescentes do seus bairros, são conhecidos e admirados, servem de exemplo. Ampliaram o seu mundo constituindo outros laços para além da família e da vizinhança. Alguns deles já viajaram para a Europa em duas oportunidades, durante 30 dias, apresentando-se em diferentes lugares, conhecendo pessoas, aprendendo novos costumes. Hoje eles querem aprender outros idiomas, sonham com o sucesso e o dinheiro que a vida de artistas pode proporcionar. Em meio à dureza cotidiana de limitações, pobreza e violência, em casa, vão compondo o sonho de construir para si uma nova realidade.

Contrastando com os deslocamentos para as viagens e as apresentações pela cidade, o seu mundo cotidiano fica restrito às vizinhanças

mais próximas dos Alagados. Lá estudam, trabalham, freqüentam a sede do Grupo e se divertem. Existem espaços claramente demarcados para cada atividade. O jogo de futebol é jogado no **campinho**, na **quadra** ou no **estaleiro**. O lazer de fim-de-semana é o *reggae*, no fim de linha, ou a praia de Roma ou da Ribeira. Só duas meninas mencionaram **ir ao Pelourinho** ou *shopping*, **de vez em quando**. O namoro é na **igrejinha**, a transa no **beco**, **estaleiro**, no **canal**, entre outros lugares.

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DE VALORES: SEXO DE “ARTISTA”

A influência da ONG, como dissemos, estendeu-se para a orientação sexual. Preocupados com demonstrações sexuais que brotavam no cotidiano, entre as meninas e meninos, e destes últimos entre si, dentro da sua própria sede,¹⁵ a entidade se deu conta da ameaça que poderia representar para sua preservação (perante as famílias eles estavam sob sua responsabilidade) e para a preservação da boa convivência do grupo, como também pelos riscos de doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, gravidez e aborto. Essa foi aliás a principal razão pela qual fomos convidada por ela para realizarmos um trabalho de orientação sexual com o grupo. Sua atuação se deu tanto através de programas desenvolvidos na sua sede por educadores convidados e da participação de adolescentes em programas de outras entidades como também no contato cotidiano entre educadores e adolescentes. Tinha como objetivo não apenas veicular informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, gravidez, aborto e formas de prevenção, mas também produzir mudanças de atitudes e valores nas relações entre meninos e meninas. Entre os dois

¹⁵ Preocupação aliás, justificada. Relações sexuais e práticas como o “trenzinho” (dispostos em fila um menino introduz o pênis no outro, este introduz no pênis do seguinte e tem seu ânus introduzido pelo anterior e assim sucessivamente), foram testemunhadas por educadores dos grupos. O “trenzinho”, como o próprio termo mostra tem uma conotação de brincadeira, e nem sempre envolve penetração anal. Tivemos também oportunidade de testemunhar um menino se masturbar durante uma demonstração de camisinha em uma oficina de trabalho. Outros, mais “discretos”, pediam para ir ao banheiro alegando que “precisavam” se masturbar. Era comum mencionarem que depois da nossa oficina eles tinham ficado “doidões” e tinham ido todos para o “beco” e tinha sido “o bicho”. Acreditamos que essas demonstrações estavam relacionadas à necessidade de afirmarem-se enquanto sexualmente ativos e potentes.

períodos em que estivemos próxima do grupo, observamos que algumas mudanças parecem estar em curso. Dependendo do tempo de participação e do nível de integração na ONG, eles apresentam um discurso mais **politicamente correto** e um maior controle sobre sua sexualidade; as relações de gênero menos demarcadas, a masturbação aceita como uma prática **normal**, a camisinha adotada como forma de prevenção. Os jogos e brincadeiras, distintamente daqueles descritos por DUQUE-ARRAZOLA, não parecem constituir fronteiras tão explícitas de demarcação de gênero. As meninas participam da **pelada**, competindo com os meninos, para o bem e para o mal em pé de igualdade, sem que isto pareça ter um significado de transgressão, ou masculinização. (DUQUE-ARRAZOLA, 1997, p. 364).

As mudanças mais significativas que notamos foi o uso quase generalizado da camisinha tanto pelos meninos¹⁶ do grupo, quanto pelos parceiros com quem as meninas estão **transando**. Isto inclusive quando **transam** com um parceiro do mesmo sexo. Dadas as condições em que eles **transam** (lugares públicos, posições pouco confortáveis, apressadamente), essa ampla utilização da camisinha parece indicar um nível de conscientização mais profundo. Na **primeira vez** entretanto, seu uso é menos generalizado entre os meninos; apenas três usaram camisinha. Os demais começaram a usar depois. Todas as meninas, com exceção apenas de uma, usaram camisinha. Essa menina engravidou e abortou. Quando começaram a ter relações sexuais com um parceiro regular, entretanto, o uso da camisinha foi substituído por contraceptivo oral por alguns deles (um porque estava casado). A maior motivação para o uso da camisinha pelos meninos é, em primeiro lugar, o receio de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. Para as meninas isto se inverte. A gravidez vem em primeiro lugar e só depois DST e AIDS.

Os filmes eróticos são bastante difundidos entre eles e é considerado um estimulante sexual. São assistidos tanto por meninos quanto por meninas, sempre que surge uma oportunidade (o convite de um

¹⁶ Tanto os meninos quanto as meninas, recebem camisinhas, gratuitamente, da ONG.

vizinho, de um amigo ou quando conseguem burlar os educadores e usar o vídeo da instituição). O convite para assistir é sempre do menino e freqüentemente eles assistem com outros casais mais próximos. Ele faz parte do jogo de sedução. O menino acredita que, assistindo-o, a menina ficará excitada e consentirá em **transar**. As meninas, entretanto, acham que nesse tipo de filme só tem **coisas nojentas** - mas continuam aceitando os convites, embora nem sempre isto desemboque no fim esperado pelo menino.

O preconceito em relação aos indivíduos que transam com um parceiro do mesmo sexo é recorrente no discurso de todos os entrevistados. Os meninos, entretanto, fazem distinções importantes sobre o que é considerado pejorativo ou não. Transar com alguém do mesmo sexo é considerado **normal** ou **aceitável** desde que se limite a um período de aprendizado sexual (até os 15, 16 anos de idade), quando comecem a transar com mulher. Quando a transa se mantém, depois dessa idade, entram em jogo os papéis desempenhados por cada parceiro no ato sexual sendo considerado **veado** aquele que desempenha o papel passivo. Através dessa e de outras distinções estabelece-se um importante mecanismo que legitima a continuidade dos contatos sexuais com parceiros do mesmo sexo sem que a sua masculinidade seja posta em questão. O menino deve desempenhar o papel ativo durante o ato sexual mas nunca provocar o seu acontecimento e nesse sentido, ele deve ser passivo e esperar a **cantada**. Com a cantada se estabelece uma relação de troca.

Todos os meninos já receberam alguma **cantada** de alguém do mesmo sexo. Ela parte geralmente de alguém mais velho, que oferece algo em troca. Dois meninos declararam que **transam** com adultos do mesmo sexo em troca de dinheiro. Um deles, admite que as vezes **transa** apenas por prazer. **Transar** em troca de dinheiro ou de alguma outra coisa, é, segundo eles, uma prática comum entre os meninos, *...todo mundo do grupo 'transa' mas ninguém admite*. As meninas não mencionaram terem sido abordadas ou transado com pessoas do mesmo sexo; apenas

uma declarou ter tido medo de ser lésbica porque sentiu atração por outra menina. Fora do universo da pesquisa, entretanto, uma das integrantes do grupo assume publicamente sua opção sexual.

Transar com um parceiro do mesmo sexo para os meninos, aparece como uma prática que precisaria ser justificada; justificativa que ora relaciona-se à necessidade de dominar a **técnica** do sexo pelo **aprendizado** com um igual, ora evoca a falta ou dificuldade de conseguir mulher, ora a utilização do sexo para obter benefícios e favores. Mas em nenhum momento essas práticas aparecem como uma opção sexual: é sempre provisória e circunstancial.

Para as meninas, transar com alguém do mesmo sexo é injustificável. Só considerariam hipoteticamente essa possibilidade diante da inexistência de parceiros do sexo oposto.

Em relação à virgindade, observamos que, embora continue representando um valor, o mais decisivo para a escolha da futura mulher são o envolvimento afetivo recíproco e os atributos morais: caráter, respeito, confiança, fidelidade mútua. Se eu *gostasse dela de verdade e confiasse que ela estava gostando de mim*, e se ela reunisse qualidades como ser *educada ... conversar comigo sem ter briga*, tivesse *caráter ... sem ela me dá corno nem eu dá corno nela ...*.

Casamento é algo que, com exceção de duas meninas e um menino, está referido a um futuro muito distante do momento em que estão vivendo. A possibilidade de ter filhos, entretanto, é assustadora para todos eles, independente do sexo. Todas as meninas sexualmente ativas declararam que fariam um aborto caso engravidassem (algumas delas inclusive já abortaram, uma com o aval e ajuda da mãe). Um dos meninos trabalha em um pequeno comércio que vende Citotec e folhas abortivas e oferece instruções de uso. Apenas um dos meninos declarou já

ter contraído **cavalo**.¹⁷ Quase todos conhecem alguém que já teve DST, e alguns conhecem alguém contaminado pelo HIV.

A DANÇA DO SEXO: DA “IGREJINHA” AO “ESTALEIRO”

A iniciação sexual de meninos e meninas é bastante distinta. Enquanto as meninas parecem passar de uma infância aparentemente assexuada para uma adolescência em que exploram sua sexualidade no decorrer de uma relação heterossexual durante o namoro, os meninos experimentam possibilidades de prazer através de brincadeiras, da masturbação individual ou mútua, do contato sexual com um parceiro do mesmo sexo e só mais tarde é que **transam** com uma mulher. Como disse um entrevistado de 18 anos ... *menino é menino ... antigamente era todo mundo assim ... até eu fazia as vezes...*

Essas vivências são aceitas como naturais pela maioria deles, desde que não permaneçam depois de certa idade. O depoimento de João, um menino de 15 anos e dos mais conservadores do grupo é bastante interessante para ilustrar o que dizíamos anteriormente sobre as vivências sexuais dos adolescentes que tanto preocupavam os educadores e porque expressa o limite de idade até quando essas práticas são aceitas. ...*Tinha um menino que ele dava todo dia aqui (na sede do grupo), aí eu um dia vim ... estava todo mundo comendo ele, aí eu peguei e fui nele para testar ... Agora, depois que eu fiz 15 anos ... só quero saber de mulher.* Para o menino mencionado por João, *esse tempo ficou para traz* e atualmente ele também *só quer saber de mulher.*

Como várias pesquisas com adolescentes têm enfatizado, a masturbação também continua sendo um tabu entre as meninas que participaram da pesquisa. Embora não tenha sido considerada como pecado, mas uma forma *de conhecer o próprio corpo*, apenas uma delas admitiu timidamente. *Às vezes eu tenho vontade ... Eu penso que já (se masturbou), mas ...*

¹⁷ Nome popular da doença sexualmente transmissível cancro mole. Doença que se caracteriza por feridas purulentas nas partes sexuais, dor durante a relação sexual, íngua na virilha e dificuldade de movimentos.

*tocar na minha vagina não. Eu nunca tive vontade de fazer isso não. Tocar o próprio sexo parece estar associado a um desejo sexual ilegítimo porque solitário. Sem relação com a consumação de laços de afetividade ou interesse despertados por um parceiro do sexo oposto. Todos os meninos, no entanto, além de concordarem que a masturbação é normal, não têm nenhuma dificuldade em admitir que se masturbam. Mas a legitimidade da masturbação é dada pela falta de outra opção e não como uma alternativa e desde que não seja em excesso porque deixa o homem **fraco**. ... Quando eu estou excitado, bem excitado mesmo, quando não tem (mulher) ... aí eu me masturbo. ... Eu acho até uma forma de se preparar e se acostumar. (Mas) ... se uma pessoa bebe água demais morre afogada, não é? Então se uma pessoa for se masturbar demais Tudo faz mal então se a pessoa não for controlada...*

Para os que consideraram que masturbar-se é errado, as razões mencionadas para isso, não são, aparentemente, morais mas físicas. Na opinião de uma entrevistada de 13 anos, virgem, masturbação é ... *um absurdo porque (a pessoa) pode até se contaminar...* Um menino é contra porque atribui à fraqueza provocada pela masturbação o seu insucesso em ter ereção em uma das vezes em que tentou **transar**. *Eu já fiz um bocado de vezes. Depois eu parei. Isso deixa o homem fraco. O homem chega na hora de pegar mulher, a porra não quer subir. Aí, para subir fica batendo punbeta de novo. Com uma mulher que eu peguei agora em 98 foi assim mesmo.*

O namoro assume formas distintas no grupo. Se a família exerce maior controle sobre a menina é o **namoro de portão**. É um namoro conhecido, aprovado e controlado dentro de certos limites, pela família; é um namoro que compromete o menino: *Nós começamos a namorar escondido, aí o pai dela pegou, ficou sabendo, aí me chamou para conversar se era isso mesmo que eu queria, que a filha dele não era qualquer uma. Aí eu falei que era, aí ele me perguntou se eu tinha condição de assumir ela porque ele falou: "os jovens quando começa a namorar ele tem que ter o plano de assumir aquela pessoa". Aí eu peguei, olhei para cara dele e falei que era um cara de assumir, estava ali pro que desse e viesse. Aí ele aceitou que eu namorasse com ela; namorando no portão, mas eu não era muito fã não.*

Assumido esse compromisso, o casal passa a ter maior mobilidade (*eu ia um dia assim, aí outro dia eu já ia, já chamava ela para sair a gente ia passear em outro lugar, tomar um sorvete*); mobilidade que vai se ampliando com o tempo de namoro, a família e a menina ficando mais confiantes. Um amigo de Tadeu o convida para um churrasco em um subúrbio distante da cidade onde eles teriam que pernoitar e, diante da negativa da namorada dele, pede e obtém a permissão do sogro. *Eu falo com ele! Se ele deixar você vai? Aí a gente pegou foi...* Depois disso, ... *teve um dia que meu pai, a família toda viajou ... Aí pegou eu falei: Maria vamos lá para casa agora a tarde para nós assistirmos filme. Ela pegou e foi.*

Mas, na maioria das vezes, o **namoro no portão**, representa apenas uma promessa estratégica utilizada na hora de **intimar** a menina para namorar, que não se concretiza, ou se acontece não envolve o grau de controle familiar e de compromisso adquirido no caso descrito acima.

Nestes casos, tudo começa com o que eles chamam de **intimar**. Intimar tanto significa o pedir em namoro, quanto o processo de conquista posterior que culmina com a transa. Intimar, que tem uma conotação de imposição, aqui se reveste de um significado ampliado que envolve sedução, sedução com tapeação, de levar no bico, na lábia, de convencimento, de vencer as resistências da menina.

A gente chama ela, chama ela de bonita: Coisinha você é linda, hein! Deus lhe preserve assim!. Aí depois a gente começa a conversar com ela. Na hora que vi você, desde que você passou aqui, sabe, eu fiquei afim de você, sabe, eu sempre fui apaixonado, queria falar com você. Não falava porque ficava com vergonha. Eu estou afim de sair com você. Eu vou ser um bom pai. Estou apaixonado por você. Vou dá bom futuro a você. Vou trabalhar, querer namorar na porta, se você quiser, eu namoro na porta. Vou com você, conversar com sua mãe, seu pai. Aí **intima para namorar**. Vai namorando na porta, **aí vai intimando**.

Via de regra, o namoro acontece em algum lugar nas imediações dos Alagados. Se for só namoro mesmo (namoro tradicional), é na **igrejinha**¹⁸ ... *a gente foi namorar em um lugar que todos os jovens da nossa comunidade*

¹⁸ Trata-se de uma igreja católica localizada “no fim de linha” (terminal de ônibus, de um dos bairros), pequena e antiga.

vão namorar, não é?... que é a igrejinha. ... não era como tá aí, hoje, cheia de luz, era escuro, entendem? Hoje as pessoas vão mais para conversar, mas para namorar mais assim ... não dá ... Mas, se o namoro for mais quente, ou se existir a perspectiva de transar, os lugares são o beco, o canal, a feira ou a praia (atrás das barracas), ou no estaleiro. Era mais assim ... em um beco, era um beco... no trabalho dele ... Aqui atrás (em um corredor que fica atrás do prédio da sede do Grupo).

Esses lugares são quase sempre escuros e perigosos. Para lá vão adolescentes para namorar e transar, mas também vão traficantes e bandidos, para se esconder e, atrás deles, vai a polícia. No estaleiro (galpão abandonado onde funcionava um antigo armazém), sobretudo, são comuns os tiroteios entre polícia e bandidos. *Eu, foi na hora que eu saí do colégio, porque eu saí do colégio cedo, aí fomos lá. 8 horas fomos embora, porque ... o estaleiro é muito perigoso, só dá ladrão, traficante ... toda hora a polícia tá lá.* O risco de levar um tiro, de ser detido ou de sofrer violência torna-se grande. Eles precisam ficar alertas, atentos ao que se passa ao seu redor. O sexo é sobressaltado e rápido.

As posições mais comuns são o menino em pé e a menina sentada em um lugar mais alto ou a menina apoiada na parede ou com as pernas em torno do corpo dele, ou sentada no colo dele. Quase sempre tiram apenas a parte de baixo da roupa. Se a menina está de saia, tira somente a calcinha. ... *No princípio a gente se encostou em uma árvore. Mas só que na árvore em pé não dá. Aí, tinha um lugar que era alto. Aí ela se sentou no lugar alto e eu fiquei em baixo. Aí ficamos em uma posição que ela se abriu deu para acontecer. Entende? Ela estava no lugar alto e eu estava no lugar baixo. Eu baixei as calças. Ela estava de saia.*

Freqüentemente eles saem em grupo e, lá, os casais se separam em busca de um pouco de privacidade. A privacidade é, entretanto, bastante relativa. Como os lugares são conhecidos e **todo mundo sabe da vida de todo mundo**, há sempre o risco de que as meninas que freqüentam estes lugares fiquem **faladas**. Mas, além disso, quando eles conseguem um lugar para transar, eles compartilham esses espaços com outros adoles-

centes mais próximos. *Estava na casa dele, no trabalho. ... ele pediu a chave para o patrão disse o que a gente ia fazer lá. Eu fui com ele e meu primo (que é amigo do namorado), foi com outra mulher ... Eu fiquei na sala e eles no quarto.*

Iniciado o namoro, começa a negociação em torno da relação sexual. Nesse processo, o menino vai seduzindo a menina, convencendo-a, despertando-lhe o desejo, o que pode ser verbalizado e definido a dois, criando-se condições para que aconteça ou não. ... *A gente leva ela na conversa. Aí quando chega no Canal, a gente tapeia elas. Tapeia, fica tapeando: vamos embora pro Canal, namorar só ... Vamos embora pro canal. Fica esperando ela tarde, aí ela vai aí a gente vai devagarinho ... a gente vai arriando a calça dela, se ela tiver de calça, a gente vai arriando ... Aí ela vai no meu ... aí quando chega lá no canal rola tudo.*

A resistência da menina às primeiras investidas do menino é considerada por este como sendo bom para ambos. Para a menina, porque **pega bem**, para o menino porque é um ingrediente que aumenta a excitação. *Eu acho que quando a menina é ... mais ... assim ... mais... um não, não, agora não, acho que fica um pouco melhor não é? A relação fica mais o bicho!*

Ambos devem, portanto, desempenhar os seus papéis. Ele insistir, ela negar. Mas a insistência e a negativa devem obedecer a um certo tempo e *script*, conforme o papel que cada um representa. Se o menino insistir em **transar**, em um primeiro momento, pode passar a impressão de que não quer namorar sério, não quer compromisso ... *que ele só quer ela para isso, para ter relação. O que ela fala é que ele só quer usar ela, e, diante disso, ela desiste.*

Se a menina intimar é o menino que desiste porque, se intimou ele acredita que ela pode ter intimado muitos outros e é, portanto, ameaçadora e perigosa. *Porque, mulher a gente intima não tem que ela se oferecer. (Nesse) caso, eu não vou. Ela pode está com alguma coisa que colocaram nela, pode está com AIDS e me chamar, aí ela se oferecendo, eu não vou. (Mesmo) Eu intimando eu só pego se ela ficar: ah, não vou não... dando rato. A menina que toma a iniciativa não se dá valor ... (fica) tão fácil, tão fácil de meter as mãos nela ... ela não tem*

amor a própria vida, se ela tivesse ela ... segurava um pouco ... assim ... ia vendo ... É até arriscado ter um negócio com ela...

Mas, a negativa também tem limite. *Não pode demorar muito, não é? Porque às vezes o cara quer, quer demais, mas acho que fica melhor realmente. ... A segunda vez que saiu assim, a terceira vez, fica melhor. Pega bem para ela. Isso aí eu acho é chamado auto-estima entendeu? Primeira vez que saiu assim, de cara, aconteceu, eu acho que é muita facilidade.*

E assim cada um representa o seu papel na dança do namoro, ele conduzindo e ela seguindo os seus passos, cada um sabendo tratar-se apenas de uma dança. Uma dança que nem sempre segue um mesmo ritmo e os passos mudam.

DORES E PRAZERES NA FALA DOS ATORES

Na trajetória sexual das meninas, distintamente daquela dos meninos, para quem a identidade masculina se dá pela afirmação da virilidade, a sexualidade é vivida de forma extremamente ambígua. Embora não aceitem passivamente o papel tradicional que lhes é socialmente atribuído elas não conseguem romper inteiramente com ele e têm dificuldade em assumir a sua sexualidade. Negam-se à masturbação, às brincadeiras com um parceiro do mesmo sexo; reconhecem como contato sexual legítimo apenas aquele com um parceiro do sexo oposto; começam a ter relações sexuais fora de uma relação conjugal mas não ser mais virgem é sentida como uma perda.

Apesar dos filmes pornô, das telenovelas e das conversas com as mais experientes, quando começam a **transar** elas não sabem exatamente o que as espera. Sabem que seguramente não será como em uma novela de TV mas também não querem a versão apresentada nos filmes de sexo que assistiram. Ouvem suas amigas falarem da dor da primeira relação, conhecem suas histórias de desilusão amorosa, vêem dentro de sua própria casa a dureza da vida da mãe. Não querem reproduzir essas experiências mas também não querem esperar passivamente. Para o bem ou

para o mal elas querem interferir do jeito que podem e com as armas de que dispõem, no curso dos acontecimentos. E entram na dança do sexo cheias de expectativas e ambivalências. Querem **transar**, ajudam a construir as condições para que isto aconteça mas atribuem ao outro a responsabilidade. Ora foi a curiosidade, ora foi o grupo, ora a pressão do namorado e o medo de perdê-lo.

A história de Eva ilustra os conflitos e ambigüidades experimentados por várias delas. Eva é uma adolescente de 17 anos, recém-chegada em Salvador, da região sudeste do País que veio com a mãe e um irmão, depois que seu pai e outro irmão foram brutalmente assassinados. Na fuga precipitada (eles tinham medo de também serem mortos), sua família deixou para trás tudo o que tinha, passando a morar com a família da avó materna, tios e primos em uma casa de 3 quartos, onde vivem ao todo 17 pessoas. A mãe é faxineira em uma repartição pública e Eva trabalha com crianças. Ela chama atenção pelo seus atributos físicos e sua personalidade. Tem uma altura acima da média, e é bem desenvolvida fisicamente, além de ser extrovertida, desembaraçada e ter um bom domínio verbal. Quando chega a Salvador, ela logo conhece a ONG e começa a namorar com Aldo, um dos seus integrantes.

Aldo é um adolescente de 18 anos e de estatura mediana. Ao contrário de Eva, ele é introvertido e arredio. Evita a companhia dos demais, demonstrando alegria e espontaneidade apenas quando está no palco. Até os 17 anos ele foi submetido a brutal violência física pelos pais. Sentia-se indesejado por eles e rejeitado pelos irmãos. Ao entrar na ONG ele passa a ocupar uma posição de destaque na banda mais importante da entidade; sentindo-se respeitado e admirado ele orgulhava-se do prestígio que desfrutava no grupo. Até o seu jeito arredio e fechado, em contraste com o dos demais, contribuía para isso.

Após um curto namoro, acreditando-se apaixonada, ela começa a **transar** com ele, mesmo sentindo-se transgredindo e traíndo a confiança da mãe, de quem é grande amiga.

Mais ou menos há um ano (atrás) eu estava gostando de uma pessoa, só que aí ele me pressionava, entende? Só que, comigo, eu estava achando que estava gostando muito dele ... Não **foi assim um estupro porque, ele é que queria, mas eu também queria**. Pensei na minha família ... Só que ele forçou. Ele é que realmente queria. Fui, não porque era o que queria ... mais por **curiosidade** e também porque eu achava que dessa forma eu ia **prender ele**. Porque eu comecei a namorar com ele em uma época em que eu era muito sozinha, eu tinha 2 meses que tinha perdido meu pai e meu irmão ele me deu um certo apoio, assim eu me apeguei muito e aí eu já tinha perdido meu pai, meu irmão, e eu não queria perder ele..

Apesar das justificativas apresentadas ela admite que estava **consistente** do que estava fazendo e que foi ela quem, cometendo uma outra transgressão,¹⁹ fez os arranjos necessários para que isso acontecesse.

Mas quando começam a **transar** Eva se dá conta de que o fato dela **gostar muito** não era suficiente para fazê-la sentir prazer. A dor que ela esperava sentir apenas na **primeira vez** se estendeu por todo o período de seu relacionamento sexual com o namorado. *...eu não sentia nada, aliás, eu sentia dor, só sentia dor ... ele só pensava nele, ele é um tipo de pessoa que só pensa nele. Depois que ele estava aí satisfeito ele ... Não era nem uma troca. Ele só pensava nele A gente namorava, transava e ele nem estava aí.* Mas mesmo insatisfeita, Eva não só não abordava o assunto com o namorado e tinha dificuldade em mostrar o seu incômodo que sentia, expresso em tímidos ... *ai, ai* (que ela) *falava às vezes*, como também não rompia o relacionamento.

Eu achava que tinha necessidade ... **que ia ter que ficar com ele**. Eu fiquei 9 meses, toda vez foi isso ... doía muito, eu não gostava. Eu ficava calada, porque eu achava que se ficasse calada eu ia ficar com ele.

A primeira vez de Aldo, havia acontecido pouco antes de conhecê-la, em um rápido relacionamento sexual com uma mulher mais velha. A relação *começou por acaso assim ... Conhecia (ela) assim por algum tempo, depois ...* Aconteceu em um beco (atrás da sede da entidade), em pé, rápido, antes que chegue alguém. Como tinha pouca experiência sexual, ele não sabia exatamente o que fazer quando começou a transar com Eva. Mostrar **inexperiência** que representava uma avaliação positiva dela, apresentava

¹⁹ Sem autorização do marido de sua prima ela pega a chave da casa que um amigo havia deixado com ele e vai para lá com o namorado.

conotação negativa no seu caso. Assim ambos representam seus papéis tradicionais perante o outro sem construírem uma relação de intimidade, em meio a suas insatisfações e inseguranças.

Os ais de Eva em vez de serem percebidos como uma manifestação de dor eram interpretados por Aldo a partir de suas próprias sensações e percepções. Como ele sentia prazer, imaginava que para ela também era assim; e a prova disso era que ela, além de não falar sobre o assunto, dava evidências do contrário ao continuava namorando e transando com ele. A possibilidade de que ela pudesse estar se submetendo a manter relações sexuais, apesar de não ter prazer, sobretudo depois da **primeira vez**, não era cogitada por ele. Ao mencionar a transa dos dois, Aldo não faz qualquer referência às sensações dela, mas diz que ela **sangrou** quando **transaram** pela **primeira vez** e que **ele sentiu um pouco de dor** na hora em que estava penetrando-a mas *depois não...*. A confusão de Aldo é ainda maior porque ele duvidava da virgindade dela *a mãe dela achava que ela era virgem, mas eu não sabia ...* Como ela era uma menina de **fora**, extrovertida e brincalhona, ele acreditava que era também **experiente** e assim deveria disfarçar ainda mais a sua inexperiência. Só depois que transam é que ele, percebendo sangue na camisinha, se convence da sua virgindade *ela até era* e lamenta desculpando-se *mas eu não sabia...*

No relacionamento de Eva e seu namorado, desde o início estabeleceu-se uma relação desigual onde ele assumiu o controle da relação pelo segredo. Mantendo segredo ele deixa de lhe oferecer a aceitação e o reconhecimento que o *status* e prestígio que desfrutava no grupo poderiam lhe oferecer. A atitude dele era atribuída ao fato dele ter vergonha dela e procura tornar-se digna dele conquistando uma posição de liderança no grupo. Insatisfeita com a situação, Eva começa a sair com o irmão dele, com a esperança de que assim ele decida sair do silêncio e assumir o namoro, reivindicando-a como namorada e brigando por ela. Ela já não quer ter mais apenas o que ele se dispõe a oferecer e recusa o silêncio, assumindo, finalmente, o risco de perdê-lo. ... *antigamente, ele me deixava chorando lá em casa ... (agora) eu comecei a mudar...*. Ele termina o namoro e se

arrepende mas ela já está interessada no irmão dele. Ele agora passa ser visto por ela através dos olhos do irmão. *Antes eu achava ele ... agora eu acho ele muito chato, muito arrogante, metido.*

Mas até adotar essa atitude, queixa-se ela mais uma vez, *só pensava nele ..., o sexo era ... bem rápido; depois que ... ele dava alívio pegava e ia embora.* Era o sexo **egoísta**, o chamado sexo de **descarrego**, mas também sem **intimidade**. Perguntamos a Eva se ela ficava excitada e ela respondeu que *ficava assim ... um pouquinho*, justificando logo em seguida: *porque eu achava que gostava dele.* Então resolvemos perguntar porque ela achava que ficava excitada; esperávamos que ela nos falasse das suas sensações mas a resposta dela surpreendentemente foi que, como ele não comentou nada e ela também ficou calada à respeito, *ele sabia que eu estava excitada ...* e sendo assim ela deveria de fato está excitada. Mas ao perguntarmos em seguida porque ela achava que doía, sua fala mostrou que não acreditava na própria excitação *porque se a mulher não estiver suficientemente excitada para ... ele penetrar doía. Porque, eu acho que eu não estava excitada o suficiente para sentir prazer, EU ACHAVA que eu ia gostar, que ia sentir, eu sentia atração e não sentia prazer.* Ela se deu conta de que o gostar e a atração sexual sem um trabalho de excitação não são suficientes para proporcionar prazer. E, como veremos logo adiante, ela vai estabelecer certas condições para assegurar o seu prazer.

Perguntamos o que ela achava que o menino podia fazer para excitá-la e ela respondeu: *Não sei, não ... Eu nunca conversei com ninguém sobre isso não..* Embora **transassem**, Eva, como aliás quase todas as outras meninas do grupo, não se masturbava nem admitia ser tocada na genitália pelo namorado ou outras práticas alternativas ao coito vaginal. Ser penetrada era diferente porque *no pênis o menino usava camisinha e no dedo não!* Mesmo não sabendo dizer o que poderia deixá-la excitada, ela sabia que *para senti vontade ... era necessário ... namorar bem antes, entre quatro paredes (rindo), bem calmo, bem, bem relaxante... e, gostar bastante dele ...* . E interessante que gostar bastante, que foi tão importante na sua **primeira vez** tenha sido mencionado **depois** da satisfação de certas condições quanto a forma e lugar da

transa. E conclui determinada, *Agora vai ser assim e ele tem que ... até ele conseguir me excitar ... ele teria que me conseguir...* reivindicando primeiro a realização do seu prazer e só então o dele ... *depois que ele conseguisse* (fazê-la atingir o orgasmo) *ai ... depois ...* e só então ele poderia **gozar**.

Entre o seu querer e a realidade a distância continua sendo expressiva, mas, mesmo assim, em sua **transa** seguinte ela conseguiu pôr em prática alguns conhecimentos que havia adquirido da sua relação anterior. O lugar continua não sendo aquele que imaginava como ideal: *eu estava aqui* (na sede do grupo), *ai uma pessoa me intimou ...* Mas, em compensação, antes de definir seus sentimentos pelo menino ela testou seu desempenho na **transa**. *Aí eu pensei: vou testar para ver se gosto dele mesmo.* E descobre que *foi bom, não foi ótimo mas foi bom. Eu me senti melhor do que com Aldo.* Mas não pôde ir adiante *foi uma vez só, só uma vez só ...*, lamenta Eva explicando-se, *porque ... eu ... nós ... foi que, aí* (o coordenador do grupo) *me pegou assim ... conversou comigo assim.... Aí eu não quis mais não ...*²⁰

Na experiência de Mara a **primeira vez** foi igualmente dolorosa. Mara é uma menina de 16 anos e estatura mediana, bastante extrovertida e comunicativa. Frequentemente espancada pelo pai, ela fugiu de casa várias vezes até que foi posta para fora de casa (como também dois dos seus irmãos), porque não aceitava passivamente o comportamento autoritário do pai.²¹ Ela sai e passa a viver na casa de um e de outro, sem

²⁰ Eva e o menino foram surpreendidos pelo coordenador do grupo quando estava **transando**. O menino tinha sido convidado para trabalhar na ONG porque era da confiança dele. Diante do ocorrido ambos foram moralmente repreendidos e o menino ameaçado de demissão caso repetisse a experiência.

²¹ Em um dos episódios de violência ela vai a um posto de atendimento de emergência e, diante do seu estado, é aconselhada a registrar queixa contra o pai. O coordenador do grupo, sabendo do fato vai procurá-la e conversa com ela e o policial assumindo a responsabilidade de tentar resolver a situação por outros meios. Sem apoio da família e do grupo por causa das consequências de uma possível prisão do pai, para a família, ela decide não levar a queixa adiante. O coordenador do grupo conversa com o pai dela e o ameaça com a prisão caso novos episódios vissem a acontecer. Um dia, segundo ela, sem que nem para que, o pai chegou em casa e disse à mãe: *pode mandar sua filha e seu filho ir embora.* Apesar das tentativas posteriores dos educadores da ONG, para que ela fosse aceita de volta, o pai se mantém inflexível e a mãe (cansada de mediar a conflituosa situação apoia o marido), não intervém, aconselhando-a apenas a procurar um lugar para ficar. Ela e todos os seus 4 irmãos deixam a casa dos pais, seja porque foram explicitamente postos para fora (2), seja porque não agüentavam mais a situação. Apenas as duas irmãs

conseguir fixar-se em nenhum desses lugares, mas continua visitando a mãe quando o pai está ausente.

Depois que é expulsa de casa Mara perde a referência de família e dos duros limites por ela colocados e vai apreendendo a estabelecê-los ela mesma na prática. Longe da família, que dela abriu mão, ela parece começar a **transar** sem o sentimento de transgressão moral que foi tão marcante na experiência de Eva. A dor de Mara é uma dor estritamente física e localizada na **primeira vez**. Antes de perder a virgindade Mara fez várias tentativas com um menino com que estava namorando. Ela não procura se justificar e assume claramente que essas tentativas com o namorado aconteceram porque ela queria. O namorado pertencia ao grupo; ... *ele me chamou pro ensaio* (de uma banda do grupo), *ai não é, eu estava lá com ele ... eu era virgem, estava namorado com ele ... esse foi eu que quis ... ai fiquei uns tempos pegando ele, tentando ... eu deixei ... – Eu vou tentar ai depois parou, ai ele não chegou a arrancar minha virgindade não ... para sujar minha roupa*. Eles não foram até o fim não porque ela não quisesse, mas porque o menino decidiu parar.

Participando ativamente do grupo desde sua constituição, Igor, o amorado de Mara, nessa ocasião, estava entre os meninos que mais haviam experimentado influência da entidade na sua forma de lidar com a sexualidade. De pele clara, magro e de estatura mediana, é calmo, discreto e amigo de todos do grupo. Falando sobre sua postura em relação às meninas virgens ele declarou-se ... *se eu tiver com uma menina, no caso, virgem, eu ... não forço a barra. E ... só se eu tiver com a menina namorando ela uma semana, três, quatro*. Mas, apesar de não ter forçado a barra com Mara, ele recua quando percebe que está em vias de desvirginá-la. E opta por adotar uma atitude distinta daquela da maioria dos seus pares, mesmo correndo risco de ser acusado de **frouxo**.

Como tinha absoluta clareza que não queria assumir um relacionamento de compromisso, os novos valores que abraçou não lhe permi-

menores continuam morando com os pais. Abalado com a morte da caçula (de 8 anos que morreu afogada no tanque da casa), o pai já não espanca a única filha que ainda mora com eles.

tiram tirar a virgindade da menina e depois terminar o namoro ... ***Eu não posso ter até porque eu não ... não quero ... eu penso que fica muito difícil depois de interromper.*** E para demonstrar como age descreve a situação que viveu com Mara. *Namorei com uma menina uma vez e parei porque ela era virgem, (nós) só, só, nós dois, pá. Fiquei namorando ... ela ficava olhando para mim ... como se não fosse virgem, que ela já deu ... quando eu comecei a botar, vi aquele pouco de sangramento, aí eu parei. E eu... não quis.* Embora sua recusa possa ser vista de um certo ângulo como uma valorização tradicional da virgindade feminina, e até por isso, sua atitude difere daquela de outros meninos do grupo e dá evidências não apenas do controle que exerceu sobre a sua sexualidade mas do cuidado pouco comum com a parceira. Recusou-se a obter todo o prazer que a **transa** poderia ter-lhe proporcionado naquele momento em nome dos critérios e valores em que acredita.

Mas seus valores pareciam não ser partilhados pela menina. **Transar** com ele – mesmo ela sendo virgem – representava a consumação do desejo que tinham um pelo outro, mas não parecia envolver o significado de compromisso que ele lhe atribuiu. Apesar de deixar claro que queria transar com ele, em momento algum ela referiu-se a ele como sendo alguém com quem estava afetivamente envolvida.

Depois que ele decide pôr um fim ao relacionamento com receio que fugisse ao seu controle, ela começa a paquerar Firmino, outro menino do grupo. A paquera vira namoro e culmina na transa. *Antes não acontecia nada, só isso, só, paquera! Aí depois de uma festa, ele começou a me dar uns beijinhos aí falou que queria namorar comigo sério, aí eu não queria aceitar, aí falei assim: – Não gosto disso não, porque vocês homens são ... todos descarado aí ele disse – o que é que tem. Aí eu peguei e namorei com ele sério. Aí depois daquilo tá ... (das tentativas anteriores), aí eu peguei ele ... o **diabo acende** ... namorei com ele, fiquei namorando com ele um tempão, aí depois então ele pegou, (conclui apressadamente) **arrancou** minha virgindade. Transei, mais foi difícil. Senti doer, doer ... Sentiu alguma outra coisa além da dor? Não, só dor.* Apesar de dizer que só sentiu dor quando ele lhe perguntou **arranco?** ela teve a chance de dizer não e recuar mas em vez disso respondeu de um jeito

que não expressava dor, como disse, ou pelo menos não expressava apenas dor ... **eu dei risada**. Depois desta vez, ela declarou que **transar** ficou *mais fácil* ... E a razão para que tivesse se tornado mais fácil foi a superação dos medos que sentia até então quanto a experimentar dor ou risco de gravidez e de doenças. Agora, declarou confiante: ... *eu não tinha mais medo...* E, não sentindo mais medo, ela se sente livre para desfrutar prazer; um prazer cujas sensações não consegue expressar em palavras . *Não sei dizer não ... não sei.*

Desta feita, Mara e Firmino **transaram** na cama e sem pressa. Depois ficaram deitados conversando. O menino havia conseguido a permissão do patrão para usar uma casa onde trabalhava e ocupava um cômodo. Eles foram com um primo dela (amigo do namorado e a namorada deste último); lá eles se separam. Depois disso eles **transam** em vários outros lugares. Perguntamos se era na rua e ela chocada responde enfaticamente: *Não!!!!!!! Era mais assim ... não beco, era um beco ... no trabalho dele ... Aqui atrás* (no mesmo corredor atrás da sede que Aldo transou pela **primeira vez** e muitos outros depois dele). *Eu namorei com ele na Boa Viagem ... Vocês não tinham medo de que chegasse alguém? Não, porque antes de chegar a gente ouvia.* Eles namoram mais de um ano e terminam quando ela descobriu que Firmino estava namorando com uma colega minha e comigo ... *Aí eu peguei namorei com um colega dele.* Via de regra é assim, quando um dos parceiros **traí** o outro aquele que foi **traído** procura se vingar escolhendo para isso, pessoa mais próxima do seu ex.

Perguntamos a ela se depois dessas experiências ela havia transado com outras pessoas e quantas tinham sido e ela respondeu que: *tantas vezes ... Sei não.* E logo em seguida acrescenta justificando-se e negando o que dissera antes ... *Não é todos cara que eu pego que vou ter relação, tem que ser o cara certo. Depois dele só com um.* Com esse último, segundo contou, ela não queria **transar** porque ele pensou que eu era virgem ... E como não tinha coragem de dizer que não era virgem *aí eu me sentia toda* E preferia evitar transar para que ele não descobrisse. Mas a sua recusa foi interpretada por ele como um sinal positivo da sua virgindade e medo de perdê-la "aí,

aí, ele falou que eu estava com medo, ficou aquela coisa, eu falei que não estava. Quando, finalmente, ela cedeu, ele estava convencido da sua virgindade.

Prazer e dor são vividos de forma distinta por meninas e meninas. A dor começa primeiro, em casa, quando ainda crianças: dor que é tanto física quanto emocional. Carência de recursos e de conforto, espancamentos, xingamentos, abusos, abandonos e perdas, de tudo um pouco; uma vida de poucas alegrias e muitas tragédias. O prazer vem depois quando já são capazes de fugir da tirania da intimidade doméstica; encontra-se na rua: no campinho, na igrejinha, no **estaleiro**, nos becos e tantos outros lugares ... escuros, perigosos e ... acolhedores ... A ambigüidade faz parte da vida e logo a descobre e aprendem a lidar com ela. É a casa que deveria ser segura mas, freqüentemente, é mais perigosa que a rua; é na rua, **perigosa**, que descobrem alegrias e prazeres. Ambigüidade do cotidiano diário, dos valores: *façam o que eu digo não façam o que eu faço; chegou lá rolou tudo; menino é menino; depois que eu fiz 15 anos parei ... outro dia um veado me chamou ... fui nele por dinheiro; fiz não porque eu queria ... eu peguei a chave escondido; isso aí não eu não ... uma vez acho que fiz ...* . Os valores existem para serem transgredidos e transgredindo-os descobre-se o prazer. Mas a transgressão tem suas **normas**, obedece a um roteiro em que cada um deve desempenhar o seu papel com convicção; e eles os desempenham e aprendem a dançar a dança do sexo. E quando dominam os seus papéis, **artistas** que são, improvisam novos ritmos. O menino conduz, a menina segue seus passos, é apenas uma dança ... *Ele só disse: – arranco? Eu dei risada! – Dor?*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel

1990 Espaço urbano, família e *status* social. O novo operariado nos seus bairros. **Cadernos CRH**. Salvador, n. 13, jul./dez.

BARBOSA, Maria Regina, ÁVILA, Maria Betânia

1996 Repensando as relações entre gênero e sexualidade. In: PARKER, R., BARBOSA, Regina. (orgs.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

BOZON, Michel

- 1995 Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea. **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, n.1.
- BOZON, Michel
1998 Demografia e sexualidade. In. LOYOLA, Maria Andréa (org.) **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Eduerj.
- CORREA, Sônia
1996 Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar? In. PARKER, R., BARBOSA, Regina. (orgs.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- CADERNOS DO CEAS
1975 Por um lugar para morar: subsídios para uma história das invasões e dos desabrigados de Salvador. Salvador, n. 37, maio/jun.
- DESSER, Nanete Ávila
1993 **Sexualidade: adolescência e culpa**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília.
- DUARTE, Luís Fernando
1988 **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar.
- DUARTE, Luís Fernando
1984 **Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas**. Águas de São Pedro, SP, ABEP.
- DUQUE-ARRAZOLA, Laura Suzana
1997 O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza. In. MADEIRA, Felícia Reicher (org.). **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- ESPINHEIRA, Gey
1993 A casa e a rua. **Cadernos do Ceas**. Salvador, n. 145, p. 24-38. maio/jun.
- GIDDENS, Anthony
1992 **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp.
- COSTA, Jurandir Freire
1996 O referente da identidade homossexual. In. PARKER, R., BARBOSA, Regina. (orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- FOUCAULT, Michel
1988 **Historia da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. v. 1.
- HEILBORN, Maria Luiza
1997 O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In. MADEIRA, Felícia Reicher (org.). **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- HEILBORN, Maria Luiza
1996 Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In. PARKER, R., BARBOSA, Regina. (orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- HEILBORN, Maria Luiza

- Gênero e hierarquia – a costela de adão revisitada. **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 1.
- KOSMINKY, Ethel Vofzon
1994 Situação familiar das crianças e adolescentes pobres – um estudo dos indicadores sociais utilizados no Brasil. **Cadernos Ceru**, n. 5, série 2.
- LIMA, Lana Lage da Gama
1998 Confissões e sexualidade. In: LOYOLA, Maria Andréa (org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Eduerj.
- LOYOLA, Maria Andréa
1998 Sexo e sexualidade na antropologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Eduerj.
- MACHADO, Eduardo, CARDOSO, Fátima
1996 Favelas da maré: ambiente e mobilidade na beira do mar. In: LIMA, Jacob. *et al* (org.). **Trabalho, sociedade e meio ambiente**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB.
- MEAD, Margareth
1979 **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectivas.
- MELLO, Silvia Leser
1994 Pensando o cotidiano em ciências sociais. **Cadernos Ceru**, n. 5, série 2.
- PARKER, Richard
1991 **Corpos, prazeres e paixões**. São Paulo: Best Seller.
- PAIM, Jaimilson, NASCIMENTO, Maria da Costa
1996 Mortes violentas de crianças e adolescentes em Salvador. **Bahia: Análise e Dados**. Salvador, v. 6, n. 1, p. 59-67. jun.
- PAIVA, Vera
1994 Sexualidade e gênero no trabalho com adolescentes para prevenção do HIV/AIDS. In: PARKER, R. *et al* (org.) **A AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- PAIVA, Vera
1996 Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, R., BARBOSA, R. (orgs.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 213-234.
- SARTI, Cyntia Andersen
1996 **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, SP: Autores Associados.
- TAKIUTI, Albertina Duarte
1997 A saúde da mulher adolescente. In: MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Rosa do Tempo.
- TORRES, Marieze
1996 **Sexo, prazer e dor**: um estudo da trajetória sexual de adolescentes em situação de risco de exclusão social. Salvador: (mimeo.).
- VANCE, Carol

1995 A antropologia redescobre a sexualidade. **PHYSIS** – Revista de Saúde Coletiva. Salvador, v. 5, n. 1.